



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA**

ROBERTA SAIAC TEIXEIRA SILVA

**BIBLIOTERAPIA E LUTO: a escrita de si como caminho de
ressignificação**

**João Pessoa/PB
2025**


ROBERTA SAIAC TEIXEIRA SILVA

**BIBLIOTERAPIA E LUTO: a escrita de si como caminho de
ressignificação**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em
Biblioteconomia, do Centro de Ciências Sociais
Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, como
requisito para obtenção do grau de Bacharel em
Biblioteconomia.


Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Edna Gomes Pinheiro

Aprovado em: / / 2025

Documento assinado digitalmente
 **EDNA GOMES PINHEIRO**
Data: 11/10/2025 12:05:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dra. Edna Gomes Pinheiro
Orientadora - DCI/UFPB

Prof^ª. Dra. Rosa Zuleide Lima de Brito
Membro – DCI/UFPB

Documento assinado digitalmente
 **GENOVEVA BATISTA DO NASCIMENTO**
Data: 11/10/2025 17:52:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dra. Genoveva Batista do Nascimento
Membro – DCI/UFPB

**João Pessoa/PB
2025**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586b Silva, Roberta Saiac Teixeira.

Biblioterapia e luto: a escrita de si como caminho
de resignificação / Roberta Saiac Teixeira Silva. -
João Pessoa, 2025.

23 f.

Orientação: Edna Gomes Pinheiro.

TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Biblioterapia. 2. Luto. 3. Escrita de si. 4.
Resignificação. I. Pinheiro, Edna Gomes. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 02(043)

“O luto é o processo silencioso pelo qual o amor se transforma em memória. Não é apenas dor — é também a forma mais pura de homenagem que prestamos àqueles que partiram. Cada lágrima carrega a lembrança de um afeto, cada silêncio guarda a presença de quem já não está. E mesmo na ausência, há uma presença que insiste em permanecer.” Lya Luft (2020)

BIBLIOTERAPIA E LUTO: a escrita de si como caminho de resignificação

Roberta Saiac Teixeira Silva¹

RESUMO

Este artigo articula como o luto e a biblioterapia — especialmente por meio da escrita de si, podem contribuir para sua resignificação do processo de enlutamento. A pesquisa fundamenta-se em referenciais clássicos, como Bowlby, Kübler-Ross e Worden, além de autores contemporâneos brasileiros, e caracteriza-se como pesquisa qualitativa, ancorada no método autoetnográfico, utilizando o diário de leitura e de escrita pessoal como instrumentos metodológicos. Os resultados evidenciam que a palavra, lida ou escrita, possui potencial terapêutico e simbólico para acolher a dor, elaborar a ausência e reconstruir narrativas identitárias. Conclui-se que a biblioterapia e a escrita de si configuram práticas acessíveis e eficazes de cuidado, capazes de transformar o sofrimento em memória significativa e promover a continuidade da vida.

Palavras-chave: Biblioterapia; Luto; Escrita de si; Resignificação.

ABSTRACT

This article articulates how grief and bibliotherapy — especially through self-writing — can contribute to the re-signification of the mourning process. The research is grounded in classical references such as Bowlby, Kübler-Ross, and Worden, as well as contemporary Brazilian authors, and is characterized as a qualitative study anchored in the autoethnographic method, using reading and personal writing diaries as methodological instruments. The results show that the written or read word has therapeutic and symbolic potential to embrace pain, elaborate absence, and reconstruct identity narratives. It is concluded that bibliotherapy and self-writing constitute accessible and effective practices of care, capable of transforming suffering into meaningful memory and promoting the continuity of life.

Keywords: Bibliotherapy; Grief; Self-writing; Re-signification.

1 INÍCIO DA TRAVESSIA DA AUSÊNCIA

O luto constitui-se em uma experiência inevitável da existência humana, que mobiliza dimensões emocionais, sociais, espirituais e culturais. Embora seja vivenciado por todos em algum momento da vida, cada sujeito o experimenta de forma única, de acordo com sua história,

¹ Graduanda do Curso de Graduação da Universidade Federal da Paraíba.

seus vínculos e as circunstâncias da perda. Para Bowlby (2015; 2016; 2017), o luto deve ser compreendido a partir da teoria do apego, na qual a ruptura de laços afetivos desencadeia reações que não se limitam à tristeza, mas envolvem sentimentos como a angústia, a raiva e a desorganização psíquica. Nesse sentido, a ausência de alguém significativo não representa apenas a falta de sua presença física, mas implica em mudanças profundas na identidade e na vida cotidiana de quem permanece.

As teorias de Elisabeth Kübler-Ross (2017) e de Kübler-Ross e Kessler (2018; 2019) contribuíram de forma decisiva para a compreensão do processo de enlutamento, especialmente ao descreverem os estágios da negação, da raiva, da barganha, da depressão e da aceitação. Ainda que esses estágios não se apresentem de forma linear, eles permitem identificar movimentos recorrentes vividos por pessoas enlutadas em diferentes culturas. Worden (2018), por sua vez, amplia essa discussão ao propor tarefas do luto que visam reconhecer a perda, além de encontrar maneiras de continuar a vida com significado, mesmo diante da ausência. Essas contribuições teóricas fundamentam a necessidade de compreender o luto como um fenômeno dinâmico, que exige acolhimento, escuta e a busca de práticas que possibilitem a ressignificação.

Entre as práticas possíveis, a biblioterapia se apresenta como uma alternativa promissora no campo do cuidado, com o uso terapêutico da leitura e da escrita, a biblioterapia assume caráter interdisciplinar, transitando entre a literatura, a psicologia, a educação e a saúde. Gusmão e Souza (2020) destacam que a biblioterapia pode ser utilizada tanto em sua vertente receptiva, quando o sujeito entra em contato com textos que despertam reflexão e identificação, quanto em sua vertente criativa, quando a escrita de si se torna um meio de expressão e reorganização de experiências. No Brasil, estudos como os de Santos, Rocha e Cavalcanti (2021), Nobre, Oliveira e Vasconcelos (2021) e Moreira (2021) demonstram que a prática tem ganhado espaço em bibliotecas, escolas e serviços de saúde, apontando seu potencial para promover equilíbrio emocional e fortalecimento subjetivo.

A escrita de si, nesse contexto, adquire especial relevância. Andrade (2023) ressalta que a escrita literária e autobiográfica pode ser entendida como um espaço de invenção de si mesmo, no qual o sujeito reelabora suas experiências e se coloca como protagonista de sua narrativa. A produção autobiográfica registra acontecimentos e permite que sentimentos sejam nomeados, reorganizados e ressignificados. Lima e Fortim (2015), ao investigarem o luto materno de natimortos, identificaram que a escrita pessoal se configurou como recurso terapêutico capaz de auxiliar na elaboração da dor e na reconstrução simbólica da vida. Essa dimensão subjetiva é observada em Dias (2025), que analisa como a literatura infantil pode ser utilizada para

trabalhar o luto em crianças, demonstrando que a palavra, lida ou escrita, constitui-se em importante mediadora para o enfrentamento da ausência.

A escolha deste tema não ocorreu de forma aleatória. Em 2021, a pesquisadora atravessou um processo de perdas significativas, com a morte do pai e, em seguida, de uma amiga considerada como irmã, em um intervalo de apenas três meses. Essas experiências marcaram profundamente sua trajetória, evidenciando a necessidade de buscar práticas que pudessem contribuir para a elaboração da dor e para a resignificação da ausência. A leitura e a escrita, já presentes em sua vida, mostraram-se instrumentos possíveis de acolhimento e reconstrução, revelando-se não apenas como práticas pessoais, mas como potenciais objetos de investigação científica. Ao transformar a vivência em objeto de pesquisa, o trabalho assume uma dimensão autoetnográfica, na qual a experiência individual é analisada à luz da teoria e compartilhada como contribuição para o campo acadêmico.

A relevância social desta pesquisa encontra fundamento no fato de que, em sociedades contemporâneas marcadas pelo imediatismo e pela supervalorização da produtividade, pouco espaço é destinado ao cuidado com as perdas. Como observa Arantes (2016; 2020; 2024), falar sobre a morte e o morrer é um desafio cultural, pois frequentemente o tema é silenciado, dificultando que indivíduos encontrem apoio para elaborar suas dores. Paiva (2019) reforça essa ideia ao destacar a importância de abordar a morte de forma clara e cuidadosa, especialmente com crianças, como forma de proporcionar acolhimento e favorecer o desenvolvimento emocional. Nesse cenário, a biblioterapia surge como prática acessível, que pode ser utilizada em diferentes contextos sociais, contribuindo para democratizar o acesso a recursos de cuidado e para quebrar tabus relacionados ao luto.

A relevância acadêmica, por sua vez, justifica-se pela escassez de estudos que articulem diretamente o luto, a biblioterapia e a escrita de si. Embora existam pesquisas significativas sobre cada uma dessas temáticas, ainda são raras as investigações que exploram o entrelaçamento entre elas, sobretudo considerando a experiência do próprio pesquisador como sujeito do processo. Trabalhos como os de Noletto (2016; 2024; 2025) mostram que há um interesse crescente em compreender o luto sob diferentes perspectivas, mas reforçam a necessidade de ampliar os olhares para práticas inovadoras que envolvam a linguagem como recurso terapêutico. Assim, ao propor uma reflexão que une teoria e vivência, este trabalho pretende contribuir para a construção de novos referenciais no campo interdisciplinar que envolve saúde, educação e literatura.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar como a biblioterapia, especialmente por meio da escrita de si, pode se constituir em um caminho de resignificação do luto. Identificar os

objetivos específicos enquanto: a) Compreender o luto enquanto processo psicológico, social e simbólico, com base nas contribuições de autores clássicos e contemporâneos; b) Investigar a biblioterapia em suas dimensões receptiva e criativa, com ênfase em seu potencial terapêutico; e c) mostrar sobre os impactos da leitura e da escrita no processo de ressignificação de perdas pessoais significativas.

Para fins de compreensão, este estudo está dividido em introdução, nas quais são apresentados os objetivos da investigação, o segundo tópico apresenta o referencial teórico, dividido em três eixos: o primeiro trata do luto, destacando teorias clássicas e abordagens contemporâneas; o segundo aborda a biblioterapia, explorando conceitos, histórico e modalidades; e o terceiro discute as narrativas de si, com foco na escrita autobiográfica e na autoetnografia. O terceiro tópico descreve a metodologia, enfatizando a abordagem autoetnográfica e o uso do diário de leitura como instrumento de análise. O quarto tópico dedica-se à análise e à discussão, relacionando a experiência vivida com os referenciais teóricos e com as leituras realizadas ao longo do percurso. Por fim, o quinto tópico reúne as considerações finais, destacando as contribuições pessoais e acadêmicas, as limitações do estudo e as possibilidades para futuras pesquisas.

Ao articular vivência e teoria, biblioterapia e escrita de si, este estudo pretende contribuir para o debate científico e para a prática social, reafirmando que a palavra, lida ou escrita, possui potencial transformador no enfrentamento do luto e na ressignificação da vida.

2 LUTO COMO EXPERIÊNCIA SINGULAR: A RUPTURA DOS LAÇOS E A COMPLEXIDADE DA DOR HUMANA

O luto é uma das experiências mais profundas e desafiadoras da existência humana. Presente em todas as culturas e sociedades, ele é vivenciado de diferentes formas, mas sempre associado à ruptura de vínculos significativos e à necessidade de adaptação diante da ausência. Ainda que seja universal, o luto se apresenta de maneira singular para cada indivíduo, variando conforme suas experiências de vida, crenças religiosas, valores culturais e vínculos estabelecidos. Essa singularidade explica por que, ao longo do tempo, estudiosos se dedicaram a compreender os caminhos pelos quais o ser humano enfrenta a dor da perda.

Entre os principais referenciais teóricos sobre o tema estão os trabalhos de John Bowlby, Elisabeth Kübler-Ross e J. William Worden, que se tornaram clássicos no estudo do luto e ainda hoje são amplamente utilizados por profissionais de saúde, educação e assistência social. Ao lado deles, autores contemporâneos brasileiros, como Ana Cláudia Quintana Arantes, Márcia

Noletto e Lucélia Paiva, têm ampliado o debate, trazendo novas perspectivas sobre como a sociedade lida com a morte e como as pessoas podem ressignificar suas perdas.

John Bowlby (2015; 2016; 2017), criador da teoria do apego, entende o luto como resultado direto da ruptura de laços afetivos. Para ele, o ser humano é biologicamente programado para buscar e manter vínculos de apego, pois estes oferecem segurança emocional e são fundamentais para o desenvolvimento saudável. Quando ocorre a morte de uma pessoa significativa, o rompimento desses laços desencadeia reações intensas de dor, angústia, raiva e desorganização. Bowlby descreve o luto como um processo que passa por fases, começando pelo entorpecimento e pela descrença diante da notícia da morte, passando pelo desespero e pela desorganização emocional, até alcançar, com o tempo, uma reorganização da vida sem a presença física da pessoa perdida. Esse modelo contribui para compreender o luto não como um estado passageiro, mas como uma jornada de reconstrução, que envolve tanto sofrimento quanto adaptação.

Já Elisabeth Kübler-Ross (2017) tornou-se referência mundial ao propor o modelo dos cinco estágios do luto: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Em sua obra *Sobre a morte e o morrer*, a autora sistematizou os sentimentos recorrentes que surgem diante da perda, oferecendo uma linguagem que ajudou milhões de pessoas a compreender e validar suas emoções. Mais tarde, em parceria com David Kessler, Kübler-Ross ampliou sua análise, destacando que esses estágios não devem ser vistos como etapas rígidas ou lineares, mas como movimentos que podem ocorrer em diferentes ordens ou até se sobrepor (Kübler-Ross; Kessler, 2018; 2019). O mérito de sua contribuição está em legitimar o luto como processo humano natural, mostrando que emoções como raiva ou tristeza não são sinais de fraqueza, mas reações legítimas à ausência de alguém amado.

Complementando esses modelos, Worden (2018) apresenta uma abordagem que desloca a ideia de estágios para a noção de tarefas do luto. Para ele, o enlutado precisa enfrentar quatro grandes tarefas: aceitar a realidade da perda; elaborar a dor; adaptar-se a um mundo sem a presença da pessoa falecida; e encontrar uma forma de manter um vínculo simbólico com quem partiu, sem deixar de investir em novas relações e experiências. Essa proposta traz um olhar ativo para o processo, sugerindo que, embora a dor seja inevitável, o enlutado pode assumir um papel mais participativo na reorganização da própria vida. Ao falar em “tarefas”, Worden ressalta que o luto não se resume a esperar que o tempo cure, mas envolve escolhas, esforços e, muitas vezes, o apoio de práticas terapêuticas e comunitárias.

No Brasil, a médica paliativista Ana Cláudia Quintana Arantes (2016; 2020; 2024) vem se destacando como uma das principais vozes no debate sobre morte e luto. Em obras como “*a*

morte é um dia que vale a pena viver” e *“Histórias lindas de morrer”*, a autora defende que falar sobre a finitude é um ato de cuidado, pois permite que as pessoas se preparem emocionalmente para a perda e encontrem meios mais saudáveis de enfrentar o luto.

Para Arantes (2024), acolher a dor do enlutado é também reafirmar o valor da vida, uma vez que o luto não é apenas ausência, mas também um processo de ressignificação e de continuidade. Sua contribuição é especialmente relevante para o contexto brasileiro, marcado por uma cultura que tende a silenciar a morte e a evitar reflexões sobre ela.

Outra contribuição importante é trazida por Lucélia Paiva (2019), que aborda o luto a partir da perspectiva infantil. A autora mostra que, ao contrário do que muitos adultos acreditam, as crianças não são incapazes de compreender a morte, mas precisam de explicações honestas e adequadas à sua idade. Em sua obra *“A arte de falar da morte para crianças”*, Paiva reforça a necessidade de tratar o tema de maneira clara, evitando silenciamentos que podem intensificar o sofrimento infantil. Essa abordagem evidencia que o luto não é apenas um processo individual, mas também social, pois envolve a forma como famílias e instituições, como a escola, acolhem ou reprimem a expressão da dor das crianças.

Nesse sentido, Noleto (2016; 2024; 2025) amplia esse debate ao analisar o luto em diferentes contextos, com destaque para o luto materno. Em sua perspectiva fenomenológico-hermenêutica, a autora destaca a importância de espaços coletivos de partilha, como grupos de apoio, nos quais mulheres enlutadas podem compartilhar suas experiências e construir novos sentidos para a ausência.

Para Noleto (2025), a partilha da dor em ambientes acolhedores transforma a experiência individual em experiência coletiva, permitindo que o sofrimento seja ressignificado. Além disso, em obras como *“Cartilha jurídica do luto”* (2016), a autora chama atenção para os aspectos práticos e legais do processo de luto, evidenciando que ele também mobiliza dimensões jurídicas e sociais que precisam ser consideradas.

Outra perspectiva enriquecedora é apresentada por Araújo Dias (2025), que analisa a literatura infantil como recurso para trabalhar o luto com crianças. Sua pesquisa mostra que histórias literárias podem ajudar os pequenos a compreender a ausência, oferecendo metáforas e narrativas que dão forma a sentimentos ainda pouco elaborados. Esse uso da literatura reforça a ideia de que o luto pode ser vivido de forma simbólica, dialogando com recursos culturais que permitem à criança expressar sua dor de maneira menos dolorosa e mais compreensível. Ao reunir essas diferentes contribuições, percebe-se que o luto deve ser compreendido como processo multifacetado.

Psicologicamente, ele envolve emoções intensas como tristeza, raiva, negação e aceitação, conforme discutem Kübler-Ross (2017), Kübler-Ross e Kessler (2018; 2019), Bowlby (2015; 2016; 2017) e Worden (2018). Socialmente, manifesta-se nas formas como comunidades e famílias acolhem ou silenciam a dor, como ressaltam Arantes (2016; 2020; 2024), Paiva (2019) e Noleto (2016; 2024; 2025). Simbolicamente, o luto é um processo de reconstrução identitária, no qual a ausência é transformada em memória significativa, como observa Worden (2018) ao falar sobre a importância de manter vínculos simbólicos com quem partiu.

A elaboração do luto não implica esquecer a pessoa falecida, mas sim aprender a viver de uma nova maneira, integrando sua memória à continuidade da vida. Arantes (2024) lembra que acolher o luto é cuidar da vida, pois somente ao reconhecer a dor é possível reencontrar a esperança. Noleto (2025), ao falar sobre a partilha em grupos, mostra que o luto não precisa ser solitário: quando dividido, ele se torna mais leve, pois o apoio coletivo ajuda na construção de novos sentidos. Paiva (2019), por sua vez, lembra que até as crianças, quando têm espaço para falar, conseguem elaborar de forma saudável suas perdas, evitando traumas futuros.

O luto deve ser reconhecido como processo psicológico, social e simbólico, cuja elaboração depende de acolhimento, diálogo e estratégias que favoreçam a ressignificação. Ao compreender suas múltiplas dimensões, cria-se uma base sólida para refletir sobre o papel da biblioterapia e da escrita de si como caminhos possíveis de elaboração. Afinal, se a perda desestrutura, também pode ser pela palavra lida ou escrita que o enlutado reencontra sentido, reconstruindo sua narrativa e encontrando novos modos de viver diante da ausência.

3 BIBLIOTERAPIA COMO ESPAÇO DE RECONEXÃO: CAMINHOS DA SAÚDE INTERIOR

A relação entre leitura, escrita e saúde não é nova. Desde tempos remotos, as palavras são compreendidas como instrumentos de cuidado, capazes de aliviar a dor, confortar o espírito e organizar o pensamento. Essa concepção atravessou séculos e, gradativamente, foi sistematizada em práticas que hoje se agrupam sob o termo biblioterapia. Embora seja um campo recente no âmbito acadêmico, a biblioterapia já apresenta uma trajetória significativa, marcada pelo reconhecimento do poder da literatura como recurso de transformação.

Segundo Gusmão e Souza (2020), a biblioterapia pode ser definida como o uso terapêutico da leitura e da escrita, sendo aplicada em diferentes contextos, da clínica psicológica a espaços educativos e comunitários. Os autores lembram que, na Grécia Antiga, as bibliotecas

eram chamadas de “lugar de cura da alma”, indicando que, desde então, os livros eram compreendidos como remédios simbólicos. Essa herança cultural fortaleceu-se ao longo do tempo, até que, no século XX, com o desenvolvimento da psicologia e da psiquiatria, a biblioterapia começou a ser estudada com maior rigor científico.

No cenário contemporâneo, observa-se um crescimento das pesquisas que exploram a prática, tanto no Brasil quanto no exterior. Santos, Rocha e Cavalcanti (2021), em revisão de experiências nacionais e internacionais, ressaltam que a biblioterapia tem sido aplicada em escolas, hospitais e bibliotecas comunitárias, mostrando resultados significativos no alívio da ansiedade, na promoção da reflexão e na elaboração de sentimentos. Os autores destacam que, ao ser mediada por profissionais ou educadores, a leitura deixa de ser apenas lazer e torna-se instrumento de cuidado e ressignificação. Moreira (2021), ao mapear a produção científica *stricto sensu* no Brasil, confirma esse crescimento, mostrando que a biblioterapia tem se consolidado como área de interesse em programas de pós-graduação, especialmente na educação e na ciência da informação. Esse avanço revela um campo em expansão, que se abre ao diálogo interdisciplinar.

Para compreender melhor a prática, é comum dividi-la em duas modalidades principais: biblioterapia receptiva e biblioterapia criativa. A primeira refere-se ao contato com textos literários. Nesse processo, o leitor se envolve com narrativas que despertam identificação, permitem catarse e abrem espaço para reflexão. Nobre, Oliveira e Vasconcelos (2021), em pesquisa sobre experiências em bibliotecas brasileiras, destacam que a leitura compartilhada de obras literárias auxilia na diminuição da solidão e promove a sensação de pertencimento. Quando o indivíduo se reconhece em personagens e situações, encontra palavras para expressar sentimentos que muitas vezes permaneciam silenciados.

A escrita é compreendida como exercício de expressão, reconstrução da memória e elaboração de emoções. Andrade (2023), ao investigar práticas literárias no ambiente escolar, afirma que a escrita é espaço de invenção de si, no qual o sujeito reorganiza experiências e cria novas formas de significação. Embora seu estudo não trate diretamente do luto, ele reforça a ideia de que a produção textual possui força terapêutica. Lima e Fortim (2015) trazem essa dimensão de maneira ainda mais explícita ao analisarem o luto materno diante da morte de natimortos. Para as autoras, a escrita autobiográfica funcionou como recurso para nomear dores profundas, construir narrativas sobre a perda e encontrar, no ato de escrever, caminhos para ressignificar a experiência.

Esse caráter complementar entre leitura e escrita é ressaltado por Gusmão e Souza (2020), que consideram a biblioterapia um “espelho simbólico”. Ao ler, o sujeito se encontra

em narrativas alheias; ao escrever, organiza sua própria narrativa. Em ambos os casos, ocorre um movimento de exteriorização e de reorganização subjetiva. Essa complementaridade é especialmente significativa no contexto do luto, pois a perda exige tanto a identificação com histórias que expressem a dor quanto a necessidade de produzir a própria narrativa de continuidade.

A biblioterapia apresenta também potencial comunitário. Santos, Rocha e Cavalcanti (2021) relatam experiências em comunidades brasileiras em que grupos de leitura funcionaram como espaços de acolhimento, prevenção da violência e fortalecimento dos vínculos sociais. Essa dimensão coletiva mostra que a biblioterapia não se limita ao indivíduo, mas contribui para a criação de redes de apoio, tão necessárias em situações de sofrimento.

Aplicada ao luto, a biblioterapia revela seu valor simbólico e humano. Araújo Dias (2025), ao investigar o uso da literatura infantil em contextos de perda, demonstra que histórias podem auxiliar crianças a compreender a ausência de maneira menos traumática. A narrativa literária, nesse caso, age como mediadora, oferecendo metáforas e imagens que tornam a experiência mais compreensível. Paiva (2019) reforça essa perspectiva ao defender que é essencial falar com crianças sobre a morte de modo honesto e respeitoso. Para a autora, o silêncio pode ser ainda mais nocivo, ao passo que a palavra, quando bem utilizada, favorece a elaboração emocional.

No campo do luto adulto, Noleto (2016; 2024; 2025) ressalta a importância da partilha e dos espaços coletivos. Em suas investigações sobre o luto materno, a autora observa que a escrita e a leitura podem ser integradas a grupos de apoio, funcionando como instrumentos de ressignificação. Para ela, o luto não deve ser enfrentado em solidão, mas em comunidade, e a biblioterapia, ao estimular a expressão, fortalece essa dimensão social.

A biblioterapia não pode ser reduzida a uma prática de leitura ou escrita isolada, mas deve ser compreendida como processo que articula linguagem, subjetividade e cuidado. Seja na modalidade receptiva, pela identificação com histórias alheias, seja na modalidade criativa, pela escrita da própria narrativa, ela oferece ao sujeito enlutado meios de elaborar emoções e reorganizar sua vida. Além disso, quando realizada em grupo, torna-se espaço de partilha e de construção coletiva de sentidos.

As contribuições de Gusmão e Souza (2020), Santos, Rocha e Cavalcanti (2021), Moreira (2021), Nobre, Oliveira e Vasconcelos (2021), Andrade (2023), Lima e Fortim (2015), Araújo Dias (2025), Paiva (2019) e Noleto (2016; 2024; 2025) demonstram que a biblioterapia é prática rica e versátil, que une literatura, saúde e educação em um mesmo horizonte. Sua relevância não está apenas no alívio da dor imediata, mas na possibilidade de abrir caminhos

de ressignificação, ajudando o indivíduo a transformar o sofrimento em aprendizado e continuidade.

3.1 Narrativas de Si: diálogos com o Eu

A narrativa de si constitui-se em um recurso fundamental para a compreensão da experiência humana e para a ressignificação de vivências que marcam a trajetória do sujeito. Contar e recontar a própria história é uma prática presente em diferentes culturas e momentos históricos, assumindo formas variadas, que vão desde relatos orais em comunidades tradicionais até escritos autobiográficos em diários e livros. A narrativa pessoal funciona como um processo de autocompreensão e de reconstrução identitária, pois permite ao indivíduo dar sentido ao passado, reorganizar o presente e projetar o futuro. No contexto do luto, essa prática se torna ainda mais significativa, visto que a perda de alguém amado rompe a continuidade da vida tal como era conhecida, exigindo que o enlutado reconstrua sua narrativa para integrar a ausência em sua existência.

A escrita autobiográfica, nesse sentido, pode ser compreendida como uma ferramenta que auxilia o sujeito a transformar a dor em linguagem. Andrade (2023) destaca que a escrita literária em ambiente escolar pode ser vista como prática de invenção de si, em que o indivíduo não apenas relata, mas reinventa sua experiência. Embora o autor esteja inserido no campo da educação, sua reflexão é útil para pensar a escrita de si como um ato criativo, capaz de reorganizar simbolicamente a vida. No processo de luto, a escrita permite ao enlutado revisitar memórias, nomear sentimentos e ressignificar acontecimentos que, de outra forma, permaneceriam como experiências silenciosas.

Lima e Fortim (2015), ao investigarem o luto materno de natimortos, observaram que a escrita foi um recurso terapêutico essencial para que mães pudessem expressar sua dor. As autoras relatam que, ao narrar suas histórias, essas mulheres não apenas desabafavam, mas também construíam novos sentidos para sua existência após a perda. A narrativa de si, nesse caso, não se limitou a registrar o acontecimento traumático, mas possibilitou a reconstrução simbólica da maternidade interrompida, revelando o poder da escrita como caminho de cura e ressignificação.

O ato de escrever sobre a própria experiência pode ser entendido dentro de uma perspectiva metodológica, como na autoetnografia. Embora autores como Carolyn Ellis e Marie-Christine Josso não constem na lista de referências escolhida, é possível articular esse campo de reflexão com as pesquisas brasileiras que já discutem a importância da narrativa

pessoal no enfrentamento do luto. Noleto (2025), por exemplo, ao analisar o luto materno em grupos de apoio, mostra como a partilha de histórias pessoais cria um ambiente de acolhimento e de construção coletiva de sentidos. Ainda que seu foco esteja na oralidade, a lógica da narrativa de si é a mesma: transformar a experiência em discurso e, com isso, dar-lhe novos contornos.

A relevância das narrativas pessoais no processo de luto não se restringe ao âmbito adulto. Paiva (2019), ao discutir a importância de falar sobre a morte com crianças, evidencia que oferecer palavras para que elas expressem seus sentimentos é um ato de cuidado fundamental. Essa ideia conecta-se diretamente à noção de narrativa de si, pois permite que até mesmo as crianças construam explicações e sentidos para a ausência. Quando mediadas por adultos sensíveis e acolhedores, as narrativas infantis funcionam como caminhos de elaboração emocional, evitando que a dor se transforme em trauma silencioso.

Do ponto de vista social, Araújo Dias (2025) amplia a compreensão da narrativa de si ao analisar como a literatura infantil pode mediar o processo de luto de crianças. Sua pesquisa mostra que, ao se identificarem com personagens que também enfrentam perdas, as crianças encontram espaço para elaborar suas próprias histórias. Esse movimento revela que a narrativa não precisa ser necessariamente produzida pelo enlutado para ter efeito terapêutico; basta que ela seja apropriada e integrada ao processo de elaboração. Assim, a literatura, quando utilizada em práticas biblioterapêuticas, funciona como narrativa que desperta outras narrativas, ajudando o sujeito a expressar o que sente.

No âmbito acadêmico brasileiro, Noleto (2016; 2024; 2025) reforça a importância da narrativa de si como prática de partilha coletiva. Em suas obras, ela defende que o luto deve ser compreendido em sua dimensão fenomenológico-hermenêutica, ou seja, como experiência que só ganha sentido pleno quando é narrada, interpretada e compartilhada. Os grupos de apoio descritos pela autora funcionam como espaços em que narrativas pessoais são acolhidas, permitindo que a dor seja ressignificada no encontro com outras experiências semelhantes. Essa perspectiva é especialmente importante, pois demonstra que a narrativa de si não apenas reconstrói a identidade individual, mas também fortalece vínculos comunitários.

Ao relacionar essas contribuições, é possível afirmar que a narrativa de si funciona como prática terapêutica e como metodologia de pesquisa. Terapêutica porque possibilita a expressão de emoções, a reorganização simbólica da vida e a ressignificação da dor. Metodológica porque, ao ser utilizada em estudos acadêmicos, fornece subsídios para compreender fenômenos subjetivos a partir da própria experiência do pesquisador. Nesse sentido, este trabalho, ao articular biblioterapia, luto e escrita de si, insere-se nessa tradição de reconhecer que o

conhecimento também pode nascer da vivência pessoal, desde que analisada de forma crítica e fundamentada teoricamente.

No luto, essa prática permite que o sujeito integre a ausência em sua história, reconhecendo a dor e encontrando novos significados para seguir vivendo. Ao escrever sobre a perda, o enlutado constrói uma ponte entre passado e presente, entre memória e esperança, transformando a dor em narrativa e, por meio dela, em possibilidade de continuidade.

Assim, ao considerar as contribuições de Andrade (2023), Lima e Fortim (2015), Noleto (2016; 2024; 2025), Paiva (2019) e Araújo Dias (2025), percebe-se que a narrativa de si é um recurso poderoso tanto para o indivíduo quanto para a coletividade. Ela possibilita a ressignificação de experiências dolorosas, fortalece vínculos comunitários e contribui para a produção de conhecimento científico. No contexto desta pesquisa, ela representa o eixo central que articula biblioterapia e luto, mostrando que a escrita de si não apenas acolhe a dor, mas também transforma a maneira como o sujeito se relaciona com a ausência e com a própria vida.

4 METODOLOGIA COMO LUGAR DE ENCONTRO: ENTRE A DOR, A PALAVRA E O SENTIDO

A metodologia é a parte do trabalho que apresenta o caminho percorrido pelo pesquisador para alcançar seus objetivos, esclarecendo as escolhas feitas e justificando-as com base teórica. Por se tratar de uma investigação que aborda a experiência do luto por meio da biblioterapia e da escrita de si, torna-se necessário adotar uma perspectiva metodológica que valorize a subjetividade, a interpretação e a construção simbólica da realidade. Dessa forma, este estudo se insere no campo da pesquisa qualitativa, utilizando a autoetnografia como estratégia principal, articulada ao uso do diário de leitura e da escrita pessoal como instrumentos de investigação e análise.

A pesquisa qualitativa é reconhecida como abordagem capaz de apreender significados, valores, percepções e vivências que não podem ser reduzidos a números ou estatísticas. Minayo (2016) ressalta que esse tipo de investigação busca compreender os fenômenos humanos em sua complexidade, respeitando o contexto e as interpretações dos sujeitos envolvidos. Assim, ao lidar com uma temática tão sensível quanto o luto, torna-se inviável adotar uma perspectiva meramente quantitativa, já que não se trata de medir, mas de compreender as múltiplas dimensões dessa experiência. A investigação qualitativa, portanto, se justifica por possibilitar a análise do luto em profundidade, respeitando sua singularidade e sua natureza simbólica.

Como lembra Andrade (2023), a escrita de si é um espaço de invenção e reconstrução identitária, em que o sujeito relata sua experiência e atribui a ela novos sentidos. A autoetnografia, nesse contexto, é uma metodologia que une narrativa pessoal e reflexão teórica, permitindo que o pesquisador seja, ao mesmo tempo, sujeito e objeto da investigação. Noletto (2025) reforça a relevância desse caminho ao mostrar que a partilha de experiências em contextos de luto possibilita a construção de sentidos coletivos, mesmo quando a narrativa nasce de uma vivência individual. Ao utilizar a própria experiência como fonte de análise, a autoetnografia torna possível compreender de dentro os impactos do luto e os caminhos de ressignificação encontrados por meio da biblioterapia.

Como explicam Lima e Fortim (2015), a escrita autobiográfica funciona como recurso terapêutico e de elaboração simbólica, especialmente em contextos de dor intensa, como o luto materno. Ao narrar a própria vivência, o sujeito organiza suas memórias, externaliza sentimentos e cria condições para a ressignificação da perda. Inspirado nessa perspectiva, o diário de leitura foi adotado neste estudo como espaço para registrar reflexões provocadas por obras literárias relacionadas ao tema da morte, do morrer e do luto. Esse diário possibilitou a análise das obras e a compreensão de como a leitura reverberou na experiência pessoal do pesquisador. Paralelamente, o diário de escrita de si foi utilizado como instrumento de expressão livre, no qual foram registrados sentimentos, recordações e reflexões cotidianas sobre o luto vivido.

Inicialmente, os textos do diário foram lidos de forma integral, com o objetivo de identificar recorrências, metáforas e imagens que expressassem a experiência do luto. Em seguida, esses conteúdos foram organizados em categorias temáticas inspiradas nos modelos clássicos do luto: os estágios descritos por Kübler-Ross (2017), a teoria do apego de Bowlby (2015; 2016; 2017) e as tarefas propostas por Worden (2018). Essa organização permitiu articular a experiência subjetiva com referenciais teóricos, favorecendo a compreensão de como a biblioterapia e a escrita de si podem contribuir para a elaboração da dor e para a reconstrução de significados.

Ao mesmo tempo, foram consideradas as contribuições de autores brasileiros que ampliam o debate sobre o luto e a ressignificação. Arantes (2016; 2020; 2024) enfatiza a importância de falar sobre a morte e de reconhecer o luto como parte da vida. Paiva (2019) reforça a necessidade de oferecer palavras para que crianças compreendam a ausência, destacando o papel da linguagem na elaboração da dor. Araújo Dias (2025) mostra como a literatura infantil pode mediar o luto, revelando a força da narrativa para dar sentido à perda.

Noletto (2016; 2024; 2025) evidencia a importância dos espaços coletivos de partilha, em que narrativas individuais se transformam em experiências comunitárias.

Essas contribuições foram fundamentais para contextualizar a escrita pessoal do pesquisador em um panorama mais amplo, demonstrando que, embora subjetiva, a experiência dialoga com práticas sociais e culturais mais abrangentes.

O percurso metodológico incluiu ainda a leitura de obras literárias com temáticas relacionadas ao luto, que foram registradas e analisadas à luz da biblioterapia. Gusmão e Souza (2020) destacam que a leitura pode funcionar como espelho simbólico, permitindo ao sujeito se reconhecer nas histórias alheias. Santos, Rocha e Cavalcanti (2021) e Moreira (2021) reforçam que a biblioterapia tem se consolidado como prática em diferentes espaços, revelando seu potencial de transformação. Nesse sentido, a leitura de textos que abordam a morte e a perda possibilitou ao pesquisador refletir sobre sua própria experiência, ampliando sua compreensão e fortalecendo sua capacidade de ressignificação.

No entanto, houve o cuidado de tratar a própria narrativa pessoal com seriedade acadêmica, evitando a exposição excessiva e garantindo que os relatos servissem ao propósito científico da investigação. Todas as fontes bibliográficas utilizadas foram devidamente referenciadas de acordo com a NBR 6023:2018, respeitando as normas da ABNT.

A metodologia deste trabalho articula a pesquisa qualitativa, a autoetnografia e o uso do diário de leitura e escrita de si como instrumentos centrais. Essa escolha permitiu compreender em profundidade como a biblioterapia pode se constituir em recurso de ressignificação do luto, valorizando a subjetividade sem abrir mão do rigor acadêmico. O caminho metodológico aqui descrito mostra que é possível transformar a experiência pessoal em objeto de reflexão científica, desde que fundamentada em aportes teóricos consistentes e tratada com responsabilidade ética.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO: VOZES EM DIALOGOS

O luto é sempre uma experiência que coloca o sujeito diante de sua vulnerabilidade e o convoca a reorganizar sua existência diante da ausência. No caso da pesquisadora, a morte do pai e, em um intervalo de apenas três meses, a perda de uma amiga considerada como irmã, em 2021, constituíram um duplo golpe emocional que desestabilizou não apenas sua vida cotidiana,

mas também sua identidade. Ao registrar em diário as leituras realizadas e as escritas pessoais produzidas ao longo desse processo, tornou-se possível narrar a dor e analisar de que modo a biblioterapia e a escrita de si se constituíram em recursos de ressignificação.

A compreensão dessa vivência pode ser iluminada pela teoria do apego, formulada por John Bowlby. Para o autor, a força dos vínculos de apego explica a intensidade do sofrimento diante da perda. Quando um laço significativo é rompido, ocorre uma ruptura na base emocional do indivíduo, desencadeando reações que vão da incredulidade à angústia (Bowlby, 2015; 2016; 2017). Isso ajuda a entender a profundidade da experiência vivida pelo pesquisador: perder o pai significou romper um vínculo estruturante da vida, enquanto a morte da amiga reforçou a sensação de desamparo, pois ela ocupava o lugar simbólico de irmã.

As reflexões de Elisabeth Kübler-Ross também se mostraram relevantes na análise dos registros. Em sua obra clássica “*Sobre a morte e o morrer*”, a autora descreve cinco estágios que costumam aparecer no processo de luto: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação (Kübler-Ross, 2017). Nos escritos pessoais do pesquisador, esses movimentos emocionais apareceram em diferentes momentos: a negação surgia nas frases em que havia dificuldade de acreditar na perda; a raiva manifestava-se em trechos de inconformismo; a barganha aparecia em construções hipotéticas que imaginavam cenários alternativos; e a depressão se revelava nos textos mais sombrios, em que predominava a sensação de vazio. A aceitação, por sua vez, não foi linear, mas apareceu em passagens em que a memória dos falecidos começava a ser transformada em fonte de motivação.

J. William Worden contribui com outra abordagem importante: em vez de estágios, ele propõe tarefas a serem enfrentadas pelo enlutado. Segundo o autor, é necessário aceitar a realidade da perda, elaborar a dor, adaptar-se a um mundo sem a presença da pessoa falecida e encontrar uma forma de manter um vínculo simbólico com quem partiu (Worden, 2018). Essa perspectiva é visível nos registros do diário, nos quais a pesquisadora buscava, por meio da escrita, dar sentido à ausência e criar uma forma de continuidade simbólica. As cartas imaginárias escritas para o pai e para a amiga exemplificam bem essa quarta tarefa, pois mostravam como a lembrança podia ser mantida como legado, sem impedir a continuidade da vida.

A leitura de obras relacionadas à morte e ao luto atuou como espelho simbólico, permitindo ao pesquisador identificar-se com histórias de outras pessoas e perceber que não estava sozinho nessa experiência. Gusmão e Souza (2020) explicam que, nesse processo, a leitura, além de lazer, é instrumento de autoconhecimento e de reorganização emocional. O

diário de leitura revelou que, em várias passagens, as narrativas literárias abriram espaço para que sentimentos fossem nomeados e compreendidos.

Andrade (2023) ressalta que escrever é uma prática de invenção de si, na qual o sujeito reorganiza suas experiências pela linguagem. Essa perspectiva se confirma nos textos produzidos pelo pesquisador, em que a dor era transformada em narrativa. O ato de escrever possibilitou expressar sentimentos difíceis de verbalizar em outros contextos. Lima e Fortim (2015), em estudo sobre o luto materno, demonstram que a escrita autobiográfica pode ser recurso de cura, pois permite ao sujeito elaborar a dor e reconstruir sua identidade. Essa constatação encontra eco nos diários, onde a escrita funcionou como exercício de ressignificação.

Ana Cláudia Quintana Arantes (2016; 2020; 2024), por exemplo, defende que falar sobre a morte é um ato de cuidado, que possibilita enfrentar o luto de maneira mais saudável. Essa perspectiva inspirou no pesquisador a percepção de que registrar suas emoções era também uma forma de romper o silêncio que cerca a morte em nossa sociedade. Já Márcia Noleto (2016; 2024; 2025) enfatiza a importância da partilha, mostrando que o luto pode ser ressignificado quando narrado em grupos de apoio. Embora o presente estudo seja de caráter individual, as leituras de Noleto reforçaram que narrar a experiência, ainda que em diário, é uma forma de diálogo simbólico com a coletividade.

Paiva (2019) defende que a morte deve ser explicada de maneira clara às crianças, para que elas possam elaborar o luto sem silenciamento. Essa ideia reforça a percepção de que a palavra é fundamental para dar forma à dor. Da mesma forma, Araújo Dias (2025) mostrou, em estudo sobre literatura infantil, que histórias podem ajudar os pequenos a compreender a ausência, oferecendo imagens e metáforas acessíveis. Embora esses estudos tenham foco infantil, eles inspiraram reflexões na pesquisadora sobre a força da narrativa em todas as idades.

No Brasil, experiências de biblioterapia têm demonstrado a dimensão comunitária da prática. Santos, Rocha e Cavalcanti (2021) descrevem iniciativas em bibliotecas e comunidades em que a leitura coletiva ajudou a reduzir a violência e a fortalecer vínculos sociais. Moreira (2021) confirma que a produção científica sobre biblioterapia tem crescido, revelando interesse cada vez maior em sua aplicação prática. Nobre, Oliveira e Vasconcelos (2021), por sua vez, reforçam que a leitura pode diminuir a solidão e ampliar a sensação de pertencimento. Essas contribuições dialogam com os registros do pesquisador, que, ainda em experiência individual, reconheceu no diário que a leitura poderia ser também uma ponte para outras pessoas em situação de perda.

A leitura proporcionou reconhecimento e identificação, enquanto a escrita de si possibilitou elaborar sentimentos e reconstruir significados. Os referenciais de Bowlby, Kübler-Ross e Worden ofereceram suporte para compreender os movimentos emocionais, enquanto autores brasileiros como Arantes, Noletto, Paiva e Araújo Dias ampliaram o olhar para a dimensão cultural, social e comunitária do luto. Assim, teoria e prática se entrelaçaram, evidenciando que a palavra lida e escrita possui um poder transformador, capaz de acolher a dor e abrir caminhos de ressignificação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ENTRE O FIM E O RECOMEÇO

O percurso desenvolvido neste trabalho permitiu refletir sobre o luto como experiência humana inevitável e profundamente transformadora, bem como sobre o papel da biblioterapia e da escrita de si como recursos de ressignificação. A análise das teorias clássicas e contemporâneas, articuladas à vivência pessoal da pesquisadora, evidenciou que a palavra lida e escrita possui poder singular para acolher a dor, dar-lhe forma simbólica e criar condições para a reconstrução da vida após a perda.

A experiência pessoal relatada em terceira pessoa, marcada pela morte do pai e pela perda de uma amiga considerada como irmã em um intervalo de apenas três meses, constituiu o ponto de partida deste estudo. Essas vivências concretas não foram tratadas como mero testemunho, mas como material de reflexão que, ao ser analisado à luz da teoria, tornou-se fonte legítima de conhecimento. Nesse sentido, a escolha pela abordagem autoetnográfica mostrou-se adequada, pois possibilitou unir a narrativa subjetiva ao rigor acadêmico, reafirmando que o conhecimento científico também pode nascer das experiências individuais, quando analisadas de forma crítica e contextualizada.

A escrita de si, ao ser utilizada como prática regular nos diários, possibilitou organizar memórias, externalizar sentimentos e elaborar a dor. Os diários mostraram que, a cada registro, a dor era transformada em palavra e a palavra, em possibilidade de reconstrução.

A narrativa pessoal, analisada à luz da teoria, evidenciou que a biblioterapia não é apenas uma técnica complementar, mas pode se constituir em prática central de ressignificação. O luto, que inicialmente parecia apenas dor e ruptura, foi gradualmente transformado em experiência de reconstrução simbólica, em que a memória dos falecidos passou a ser integrada à continuidade da vida.

Ao mostrar que a leitura e a escrita podem ser utilizadas como instrumentos de cuidado, este trabalho sugere práticas acessíveis que podem ser aplicadas em escolas, comunidades,

grupos de apoio e até mesmo em ambientes familiares. A biblioterapia, ao democratizar o acesso à palavra, abre caminhos para que mais pessoas encontrem formas de elaborar suas perdas.

Ainda que haja estudos sobre o luto e sobre a biblioterapia, poucos articulam essas duas dimensões a partir da perspectiva da escrita de si e da experiência do próprio pesquisador. Ao unir vivência pessoal e rigor teórico, este trabalho mostra que a subjetividade pode ser fonte legítima de conhecimento, quando tratada de forma responsável e fundamentada. Além disso, reforça a importância de abordagens interdisciplinares que integrem saúde, educação e literatura, ampliando os horizontes de pesquisa.

A análise concentrou-se em uma experiência individual e, por isso, não pode ser generalizada para todos os enlutados. A autoetnografia, embora potente, tem como característica a singularidade. No entanto, essa limitação não invalida o trabalho, mas indica que futuras pesquisas podem ampliar o olhar, investigando a biblioterapia em grupos, comunidades ou em contextos institucionais mais amplos. Outra limitação está relacionada à extensão do corpus de leitura, que poderia ser expandido para incluir mais obras literárias.

A experiência mostrou que a biblioterapia e a escrita de si são caminhos possíveis e eficazes para a ressignificação do luto. Elas não eliminam a dor, mas oferecem ao enlutado a possibilidade de integrá-la à sua história, transformando-a em narrativa e, portanto, em memória viva.

Este trabalho reforça que a biblioterapia deve ser reconhecida como prática legítima no campo da saúde e da educação, e que a escrita de si é não apenas um recurso terapêutico, mas também uma forma de produção de conhecimento. Ao articular vivência pessoal e teoria, subjetividade e ciência, este estudo reafirma que é possível transformar a dor em narrativa e, pela narrativa, encontrar caminhos de ressignificação da vida.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lucas Veras de. Pensamento-invenção de um devir-professor: a biblioterapia como prática à deriva de leitura/escrita literária na escola. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 28, p. 1-23, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2023.e93947>.

ARAÚJO DIAS, R. de. Estrelinhas entre linhas: literatura infantil em contextos de luto infantil. **Revista de Ciência e Desenvolvimento (UERJ)**, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/rcd/article/download/90538/55150>. Acesso em: 4 set. 2025.

ARANTES, Ana Cláudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. São Paulo: Sextante, 2016.

ARANTES, Ana Cláudia Quintana. **Histórias lindas de morrer**. São Paulo: Sextante, 2020.

ARANTES, Ana Cláudia Quintana. **Cuidar até o fim: como trazer paz para a morte**. São Paulo: Sextante, 2024.

BOWLBY, John. **Apego e perda: apego**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

BOWLBY, John. **Apego e perda: perda – tristeza e depressão**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

BOWLBY, John. **Apego e perda: separação – angústia e raiva**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

GUSMÃO, Alexandre O. de Meira; SOUZA, Elaine Gleice Jerônimo de. A biblioterapia como ferramenta de restabelecimento emocional. **Investigación Bibliotecológica**, Cidade do México, v. 34, n. 85, p. 33-59, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22201/iibi.24488321xe.2020.85.58194>.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth; KESSLER, David. **A roda da vida: memórias do viver e do morrer**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth; KESSLER, David. **Sobre o luto**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

LIMA, Sabrina; FORTIM, Ivelise. A escrita como recurso terapêutico no luto materno de natimortos. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 771-788, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n4p771.12>.

MOREIRA, C. Biblioterapia na produção científica stricto sensu no Brasil. **Revista Conhecimento em Rede**, Maceió, v. 9, n. 2, p. 108-125, 2021.

NOBRE, L. L.; OLIVEIRA, T. A.; VASCONCELOS, D. G. Biblioterapia: um estudo sobre a leitura como recurso terapêutico em bibliotecas brasileiras. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 170-185, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2021.e79192>.

NOLETO, Márcia Cristina Massena F. **Cartilha jurídica do luto: orientações práticas e jurídicas aos familiares**. Rio de Janeiro: FGV Direito Rio, 2016.

NOLETO, Márcia Cristina Massena F. **Lutos**. São Paulo: Summus, 2024.

NOLETO, Márcia Cristina Massena F. **Luto materno: uma compreensão fenomenológico-hermenêutica por meio da partilha entre mulheres na clínica de grupos**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2025.

PAIVA, Lucélia. **A arte de falar da morte para crianças**. 3. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2019.

PEREIRA, M. M. G.; WELLICHAN, D. da S. P. Encantos e encontros da biblioterapia para pessoas com deficiência visual. **Bibliomar**, São Luís, v. 24, n. 1, p. 1-15, 2025.

SANTOS, Andréa Pereira; ROCHA, Natália; CAVALCANTI, Larissa Andrade Batista. Prática de biblioterapia no Brasil e no exterior: principais experiências com a terapia pela leitura. RECIIS – **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 762-775, 2021. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v15i3.2166>.

WORDEN, J. William. **Terapia do luto**: um manual para profissionais de saúde mental. 4. ed. São Paulo: Summus, 2018.

WORDEN, J. William. **Grief counseling and grief therapy**: a handbook for the mental health practitioner. 5. ed. New York: Springer, 2018.